

DISCURSO LITERÁRIO E VIOLÊNCIA: A VIA *CRUCIS* DO CORPO FEMININO

LITERARY DISCOURSE AND VIOLENCE: THE FEMALE BODY VIA *CRUCIS*

Milena Santos de Jesus ¹

RESUMO

A proposta busca pensar a narratividade do corpo feminino, para tanto é tomado como *corpus* o conto Maria presente em *Olhos d'água* (2018), do literário de Conceição Evaristo, escritora negra que comunga de uma *escrevivência*. O estudo é norteado pelo questionamento: quais enunciados do discurso literário acionam “gatilhos” que mobilizam as formações discursivas presentes no interdiscurso (memória discursiva) sobre violência de gênero? Esses são analisados através daquilo que a AD chama de intersecção do eixo horizontal com o eixo vertical (COURTINE, 1981). Assim, mediante o tensionamento da memória discursiva é buscado pensar os sentidos que atravessam o corpo da mulher negra face aos discursos de violência de gênero. O trabalho classifica-se como um estudo qualitativo, cujos procedimentos são desenvolvidos por meio da pesquisa bibliográfica. A discussão proposta articula os pressupostos da Análise do Discurso, de linha materialista (AD) e os estudos literários.

Palavras-chave: mulher, literatura, violência

ABSTRACT

This proposal aims analyze the female body narrative. Therefore, we take, as *corpus*, the short story *Maria*, which appears in the novel *Olhos d'água* (2018), written by Conceição Evaristo, a black writer, who shares “*escrevivência*”, a writing style that is born from everyday life. The following question guides this study: which literary discourse statements trigger discursive formations about gender-based violence, present in the interdiscourse (discursive memory)? These statements are analyzed through the intersection of the horizontal axis with the vertical axis, according to Discourse Analysis (COURTINE, 1981). The goal is to comprehend how the woman subject statements, in the analyzed literary work, function, taking into consideration discourses legitimation and gender paradigm rupture. Therefore, considering the discursive memory tensioning, the intention is to think about the senses that cross the black woman's body with regard to gender-based violence discourses. The essay can be classified as a qualitative study whose procedures are developed through a bibliographic research. The proposed discussion is tied in with Discourse Analysis postulates of materialist line and literary studies.

Keywords: woman; literature; violence.

¹ Doutoranda no programa de pós-graduação em Linguagens e Representações da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2528433459704390>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3022-0157>. E-mail: misjesus@uesc.br

Introdução

A presente proposta busca pensar a narratividade do corpo feminino, para tanto é tomado como *corpus* o conto *Maria*, presente em *Olhos d'água* (2014), da literatura de Conceição Evaristo. O estudo é norteado pelo questionamento: Como o discurso literário significa o corpo negro face a violência de gênero? A abordagem teórica escolhida tem amparo nos pressupostos da análise do discurso materialista com atenção para a memória discursiva. A análise é realizada a partir dos enunciados presentes no *corpus*, atentando para as *sequências discursivas* que acionam saberes sobre o corpo negro feminino. Orlandi (1984) atenta que as sequências discursivas integrantes do *corpus* acionam o recorte discursivo entendido como uma unidade discursiva de análise marcada pela fragmentação de uma porção indissociável de linguagem-e-situação. O recorte não se limita à ideia da frase, pois é dado no gesto de análise impetrado pelo analista, corroborando para a construção de sentidos.

O *corpus* em estudo publicado em 2014, corrobora para entender a temporalidade do discurso literário face ao acontecimento que chega a se inscrever na história dada na Lei 11.340 de 2006 conhecida como *Lei Maria da Penha*. Promulgada com o objetivo de combater a violência contra a mulher, trouxe avanços significativos na proteção dos direitos das mulheres, estabelecendo medidas de prevenção, punição e assistência às vítimas de violência doméstica. Ao trazer à cena literária a violência de gênero parece ser possível para o sujeito posicionado no contexto histórico que precede os momentos temporais compreendidos entre 2006 a 2014, movimenta-se nas tessituras de uma memória de 8 anos de aplicabilidade da Lei.

Em 2015, *Olhos d'água* recebeu o Prêmio Jabuti na categoria “Contos e Crônicas”. As narrativas vão tocar em questões como racismo, desigualdade social e a violência sofrida pelas mulheres negras. Um momento crucial na luta contra a violência de gênero foi a aprovação da *Lei do Feminicídio* no Brasil. Através da Lei nº 13.104/2015, a Constituição Federal reconheceu o feminicídio como um crime de homicídio qualificado. Essa legislação reconhece a violência baseada no gênero como uma forma específica de violação dos direitos humanos e busca combater a impunidade

desses crimes. O feminicídio trata-se do assassinato de uma mulher em razão de sua condição de gênero, revelando a face mais cruel da desigualdade e opressão enfrentada pelas mulheres. Com a aprovação dessa lei, houve um avanço importante na conscientização da sociedade sobre a gravidade desses crimes e na adoção de medidas para preveni-los e puni-los adequadamente.

A materialidade discursiva posta no discurso literário corrobora a circulação de sentidos sobre a performance de gênero. A representação de gênero posta no discurso literário leva em consideração a construção social, histórica e ideológica que produz efeitos de sentido sobre a construção do feminino que aparecem como reais no interior do discurso literário. Ora, não seremos tributários da personagem, mas em um “escapismo” seremos, pois, conduzidos aos sentidos circulantes dados na posição-sujeito tomadas no processo de representação. No discurso ficcional literário a relação entre sujeito e forma-sujeito podem ser compreendidas como efeitos de real. Trata-se de representações de posições sujeito no interior da formação discursiva. O sujeito da cena enunciativa literária não é investido de responsabilidade Jurídica, compartilhando da contradição ilusória de representação. Esse movimento convida a pensar a ideologia interpelando os indivíduos concretos em sujeitos. A ideologia não é compreendida como ocultação da realidade ou algo exterior ao discurso, mas como mecanismo estruturante do processo de significação.

A literatura negro-brasileira² é um vasto território para a compreensão das lutas e das relações de poder, tendo em vista, que propõe a ruptura dos discursos hegemônicos. Segundo Constância Duarte (2010), há duas formas de representar a violência de gênero na literatura brasileira. A primeira abrange escritoras já inseridas no cânone que tendem para a violência que Pierre Bourdieu (2002) chamou de simbólica. Em outra vertente, as autoras não canônicas abrem espaço para a violência física, cotidianamente sofrida por

² É adotado no texto a designação defendida por Cuti (2010), ao considerar que a expressão *negro* associada à produção literária, rememora as reivindicações perante a existência do racismo; por outro lado, o afro-brasileiro considera uma semântica abrangente dada ao continente africano, “com suas mais de 54 nações dentre as quais nem todas são de maioria de pele escura, nem tampouco estão ligadas a ascendência negro-brasileira” (CUTI,2010, p. 40). Assim, Literatura negra, Literatura afro-brasileira, literatura negro-brasileira colocam os sujeitos em espaços de poderes distintos. Consideramos o literário dessa autoria como o estabelecido por meio da produção do sujeito negro que fala de si e dos seus.

mulheres. O literário de Evaristo (2016) coloca o feminino em cenas enunciativas marcadas por saberes discursivos do âmbito do racismo, misoginia, estrutura familiar de mulheres pretas. O corpo negro passa a ser entendido em torno de “uma atmosfera densa de incertezas” (FANON, 2008, p. 104) construído em um mundo espacial e temporal que impõe uma dialética entre o eu e o outro.

Em *Da escre (vivência) de dupla face* (2003) Evaristo considera a literatura um espaço privilegiado de produção e reprodução simbólica de sentidos. No mais, as representações presentes no literário manifestam o imaginário presente na sociedade brasileira, construído a partir de um modelo eurocêntrico no qual o corpo negro é antagônico ao bem. Nesse contexto, a personagem negra no romance brasileiro assume representações literárias ancoradas em imagens de um passado escravo, de corpo-procriação e/ou corpo-objeto de prazer do macho senhor.

Em *Questão de Pele para Além da Pele* (2009), Evaristo destaca que embora o literário fuja do pressuposto de cópia da realidade, esse não está imune e impune ao meio de produção. O sujeito autoral traz para o texto sinais do movimento histórico, ditos, reveladores e capturados nas linhas e entrelinhas do texto.

Nesse sentido, o “não dito”, o “não explicitado”, se considerado em sua relação com “o sonho” e com o “recalcado” na perspectiva da psicanálise, pode conferir sentidos ao “silêncio”, às “ausências”, assim como às estereotípias de negro presentes no discurso literário brasileiro. E como um campo simbólico por excelência, cuja materialização se dá pela linguagem com todos os seus sistemas sócio e ideológicos, a literatura nos oferece a oportunidade de apreensão de um imaginário construído acerca do sujeito negro na sociedade brasileira (EVARISTO, 2005 p. 12)

A autora considera o imaginário-simbólico presente na sociedade brasileira marcado pela presença de poucos escritores e personagens negras em narrativas literárias. No mais, os negros nas narrativas raramente são os protagonistas ou narradores ocupando frequentemente situação subalterna e estereotipadas, com papéis de bandido, prostituta e doméstica. A *escrevivência* mobiliza a categoria de sujeito suposto saber, pois tensiona as identificações imaginárias.

Althusser (1985) considera que a “[...] ideologia representa a relação imaginária dos indivíduos com as suas condições reais de existência” (ALTHUSSER, 1985, p.85). Essa também possui nas considerações tecidas por ele, existência material e interpela os

indivíduos em sujeitos. Assim, o representado na ideologia são as relações imaginárias que os indivíduos têm com a realidade e não a própria realidade. Nesse contexto, a ideologia ao representar as condições reais de existência não está para o mundo real, mas o imaginário aceito do mundo real. Logo, o real passa por deformação imaginária a partir da representação ideológica. A ideologia ganha o terreno da prática-social e instância específica de determinada formação social.

Escrevivência, termo bastante explorado pela autora propõe a junção das palavras “escrever” e “viver”. Por certo, existe uma subjetividade introduzida em suas obras entremeadas de um modo de resistência cuja a Conceição faz questão de exaltar.

Escrevivência, em sua concepção inicial, se realiza como um ato de escrita das mulheres negras, como uma ação que pretende borrar, desfazer uma imagem do passado, em que o corpo-voz de mulheres negras escravizadas tinha sua potência de emissão também sob o controle dos escravocratas, homens, mulheres e até crianças (EVARISTO, 2020 p.11)

Evaristo parece chamar a cena literária um sujeito dito e revisitado e revisado na memória discursiva. A escrevivência aponta para uma narratividade do corpo negro feminino amparado em lugar de memória discursiva. Segundo Gregolin (1995) o discurso pode ser compreendido como suporte abstrato para a circulação de vários textos presentes na sociedade. Ao apontar para a presença do discurso sobre a violência de gênero presente na literatura negro brasileira movimenta-se a relação entre o campo da língua (susceptível de ser estudada pela Linguística) e o campo da sociedade (apreendida pela história e pela ideologia). Nesse contexto, “a linguagem é determinada em última instância pela ideologia, pois não há uma relação direta entre as representações e a língua” (GREGOLIN,1995 p.17). Assim, enveredar na prática discursiva literária com atenção para o corpo negro representado é recorrer as marcas textuais discursivas que tensionam a instância ideológica. Não se trata da busca por uma origem, mas a atenção para as repetições e reiterações dos saberes a respeito do corpo negro.

A narratividade do corpo negro de *Maria*: Os sentidos acionados na posição sujeito

Partindo de Pêcheux (1997) se entende que os sentidos acionados no literário não existem fora do ideológico, pois os sujeitos ocupam realidade histórica e social. Ao admitir o texto literário comungando da narratividade visualizamos ele dotado de cadeias enunciativas que estratificadas no interdiscurso (memória discursiva) amparam o dizer em uma rede de formulações, já realizadas que promovem efeitos de sentidos. Nesse contexto, o literário entra na memória, não só como produção, mas como aquele que, tomado de enunciações, partir de colisões, fissuras e engendramentos.

A narratividade, maneira pela qual a memória se diz em processos identitários, vinculando os sujeitos a espaços de pertencimentos considerando práticas discursivas, corrobora para se pensar a posição-sujeito ocupada na cena literária da narrativa Maria. Sujeitos que comungam de identificação com saberes que legitimam a violência de gênero empregada na relação com a raça. As paráfrases permitem acompanhar a mobilização de significações que se inscreverem na memória. A narratividade ao mobilizar o interdiscurso (memória discursiva) observa a fronteira e o percurso dos dizeres em circulação, perfiladores da incompletude dos sentidos e dos sujeitos. Essa incompletude abre entendimento para o simbólico, enquanto lugar deixado pela falta, corroborando para o processo de significação que também encontra mecanismos de regulação e possibilita “à determinação, à institucionalização, à estabilização e à cristalização do discurso” (ORLANDI, 2011, p.10).

Assim, as enunciações que compreendem os ditos do discurso ganham espaço no âmbito da memória em decorrência das formulações amparadas em “Citação, recitação, formação do pré-construído³” (COURTINE, 1999, p. 20). Percebemos que esta rede vertical permite um diálogo entre formulações de redes diferentes, mas

³ Em Pêcheux (1997), o pré-construído pode ser visualizado atuando como elemento do interdiscurso, pois articula as redes de sustentação das formações discursivas. Com isso, a interpelação do indivíduo em sujeito (forma sujeito) vai exigir a identificação em dada formação discursiva. O sujeito regido pelos princípios do esquecimento pactua da ilusão de ser a “fonte” do discurso. O interdiscurso corrobora com a identificação do indivíduo em sujeito, pois os traços que determinam o sujeito, criam a ilusão discursiva de autonomia sem que esse se perceba no processo de reinscrição no discurso de sujeito. Em Courtine (1999) pode ser compreendido o pré-construído como elemento presente no interdiscurso. O autor aborda o interdiscurso como integrante do eixo vertical marcado por uma rede de formulações e por dispersão de Discursos fatores que o ligam a uma forma de pré-construídos. Esses últimos sendo girados nas redes de formulações pela repetição, paráfrase, oposição. Nagamine Brandão (2006) evidencia o pré-construído como elemento produzido em outro (s) discurso (s), anterior ao discurso em estudo, independentemente dele. Todo discurso mantém uma relação essencial com elementos pré-construídos” (BRANDÃO, 2006 p.109)

pertencentes ao mesmo discurso. Esta rede, portanto, constitui diferentes formulações possíveis do mesmo enunciado no interdiscurso, dizendo respeito à existência histórica do enunciado, no seio de práticas discursivas reguladas pelos aparelhos ideológicos, capaz de dar origem a atos novos, no sentido de que toda produção discursiva acontece numa conjuntura dada e coloca em movimento formulações anteriores (COURTINE, 1981).

Segundo Pêcheux (2007), a memória pode ser compreendida como “ espaço móvel de divisões, de disjunções, de deslocamentos e de retomadas, de conflitos, de regularização[...] Um espaço de desdobramentos, réplicas, polêmicas e contra discursos” (PÊCHEUX, 2007, p. 56). Consideramos então a regularidade do discurso executada na repetição dos enunciados e o quanto esses ainda marcam um social patriarcal que subjuga a mulher. Em atenção ao funcionamento de uma memória discursiva que ao tecer um fio tênue com o interdiscurso, possibilita pensar o saber discursivo (a história, os já ditos, as possibilidades de dizer) sobre o corpo negro feminino.

O Conto *Maria* é marcado pela representação de ações cotidianas, o corpo textualizado na ficção é negro, pobre e feminino. Nesse contexto, a história evidencia uma mulher que passa por um assalto no ônibus. Entretanto, a dramaticidade da trama está no fato de um dos assaltantes ser seu ex-companheiro. Maria irá vivenciar primeiro o medo de encontrar seu ex-homem seguido do julgamento social dos que realizam o trajeto no ônibus. A narrativa convoca a cena literária a presença de um narrador, heterodiegético sua voz se mistura a de Maria e de outras personagens que também enunciam na cena literária marcadas em primeira pessoa, portanto, autodiegéticas (GENETTE, 1995). Dessa forma, trazem uma descontinuidade ao discurso do narrador. Essas marcas de heterogeneidade irão produzir efeitos de sentido que vão suscitar estereótipos sociais, a partir dos quais as imagens do feminino e de seus corpos expostos a violência passam a ser construídas.

As práticas discursivas de gênero no discurso literário evidenciam sujeitos que comungam da forma-sujeito de identificação. Nesse contexto, existe uma identificação completa no concernente aos saberes que identificam o sujeito-universal e o indivíduo. Esse interpelado pela ideologia em sujeito executada de maneira plena e indiscriminada os

saberes circunscritos em dada FD pela forma-sujeito em sua enunciação. A cena literária põe sujeitos que tomam saberes do racismo e do sexismo culminando na violência de gênero. No domínio da memória irá se situar os enunciados que estabelecem vínculos com a transformação de continuidade e descontinuidade histórica dada na FD. O surgimento de significações no discurso não implica sua instauração na *memória discursiva*. A significação do dizer pelo sujeito opera em condições dadas pela interação entre a materialidade da língua com a materialidade da história. Nesse contexto, a memória discursiva resgata um “dizer sobre” fatos e sentidos inscritos nas formações discursivas (Orlandi, 2011).

As sequências discursivas (SD) presentes no estudo abordam os saberes discursivos estabelecidos sobre o corpo feminino negro face a violência de gênero. Para tanto, se toma a relação entre o léxico negra e os determinantes discursivos que marcam os sentidos atribuídos ao feminino.

SD 1- Ouviu uma voz: **Negra safada**, vai ver que estava de coleio com os dois (EVARISTO, 2018, p.42);

SD 2- A primeira voz, a que acordou a coragem de todos, tornou-se um grito: **Aquela puta, aquela negra safada estava com os ladrões!** O dono da voz levantou e se encaminhou em direção à Maria. A mulher teve medo e raiva (EVARISTO, 2018, p.42);

SD 3- Que merda! Não conhecia assaltante algum. Não devia satisfação a ninguém. **Olha só, a negra ainda é atrevida**, disse o homem, lascando um tapa no rosto da mulher. Alguém gritou: **Lincha! Lincha! Lincha!...** Uns passageiros desceram e outros voaram em direção à Maria (EVARISTO, 2018, p.42);

SD 4- Quando o ônibus esvaziou, quando chegou a polícia, **o corpo da mulher estava todo dilacerado, todo pisoteado** (EVARISTO, 2018, p.42).

É observado que as sequências apresentam o emprego da paráfrase: “aquela puta safada [...] Negra safada [...] Aquela puta, aquela negra safada estava com os ladrões”

(EVARISTO, 2018, p.42), mobilizando as significações que se inscreverem na memória. A proposta de Pêcheux (1975) parece caminhar para marcar a paráfrase como unidade não-contraditória do sistema da língua, ou como uma paráfrase histórico-discursiva. Nesse contexto, a paráfrase articula-se com o ideológico, não se restringindo ao linguístico. Essa, ao ser posta comungando do ideológico e do histórico, se inscreve em dada FD. Com isso, compreende-se que a repetição corrobora para a cristalização dos sentidos referentes a um discurso.

No estudo literário, é possível observar vozes ora trazidas na enunciação do narrador ora marcadas na posição sujeito. O item lexical, *negra*, está vinculado aos determinantes discursivos: *puta, safada, atrevida* que corroboram para a construção de sentidos do corpo negro feminino. A observação da representação dada no literário permite tecer considerações para a imagem imposta ao corpo feminino amparadas por saberes discursivos que ligam o léxico negra as cadeias de FD que atualizam os sentidos do racismo, sexísimo e gênero.

O sujeito, em seu modo de subjetivação pela língua, utiliza o qualificante (adjetivo) *puta e safada* atrelado ao termo *negra*, pondo em funcionamento a paráfrase que evidencia o processo de subjetivação não centrada no indivíduo, mas diz respeito ao modo como este se relaciona com o outro, ou seja, é produzido a partir das relações sociais, sendo o outro compreendido também como as diversas práticas, situações, acontecimentos. Outro termo que chama a atenção é aquela *negra*, pois “o processo da linguagem reproduz estereótipos mediante o emprego de sentidos ‘subjacentes’ em determinadas entonações de palavras ou frases” (CARNEIRO, 2011, p.121). O pronome possessivo “aquela” é uma forma feminina singular que indica posse ou pertencimento em relação a algo ou alguém distante, tanto no espaço quanto no tempo. Segundo Orlandi (2001), o estereótipo está para representações feitas, esquemas culturais generalizados, repetidos, fixados e postos na reprodução dos sujeitos em lugar comum. Esse, portanto, é trabalhado pela noção de “memória, de interdiscurso, de efeitos pré-construídos” (ORLANDI, 2001 p. 18). Os estereótipos se instauram em lugar comum, de discursos prévios cuja origem se apaga na formulação do sujeito passam a ser compreendidos em sua ligação com o pré- construído.

O corpo e suas delimitações são pensados a partir das relações de força obedecendo a normas regulatórias que governam sua materialização e significação. Nesse contexto, o corpo de *Maria* presente na narrativa ampara-se em um sistema de dominação que se concretiza pela junção de três elementos de opressão, o Patriarcado-Racismo-Capitalismo. Esses articulam uma rede de saberes que nas palavras de Gonzalez (2020) permite que a mulher seja “falada” em um sistema ideológico de dominação que a impõe condição de inferioridade no interior da hierarquia tomando por base as condições biológicas de sexo e raça suprimindo sua humanidade. A concepção de raça se torna um elemento essencialmente político usado para neutralizar as desigualdades e o genocídio de grupos socialmente considerados minoritários. O racismo se materializa como discriminação racial e possui caráter sistêmico e pode ser compreendido como institucional, estrutural e individualista. No tocante, a individualista agrega “uma espécie de ‘patologia’ ou anormalidade. Seria um fenômeno ético ou psicológico de caráter individual ou coletivo[...] seria o racismo uma ‘irracionalidade’ a ser combatida no campo jurídico[...]” (ALMEIDA, 2019 p. 36). Por outro lado, o institucional revela o resultado do funcionamento das instituições que passam a conferir privilégios com base na relação étnico-racial. O racismo estrutural pode ser desdobrado na compreensão do processo político e histórico que tende a “naturalizar” a estrutura social dada nas relações políticas, econômicas, jurídicas e familiares. Esse compreenderia uma rede de formações discursivas que promove o *assujeitamento* ativando um sistema de comportamentos.

A categoria de sujeito-suposto-saber é válida, pois, ao considerar as identificações dadas na relação colonizado e colonizador se percebe o quanto esse corpo é depositário de saberes que permite a observação que não se coloniza apenas o território, mas também o pensamento. Pensar o corpo negro feminina face à violência de gênero requer localizá-lo no interior de um projeto colonizador que o lança no subumano e inumano, na família nuclear patriarcal. Maria termina o conto morta “ [...]. Quando o ônibus esvaziou, quando chegou a polícia, o corpo da mulher estava todo dilacerado, todo pisoteado” (CONCEIÇÃO, 2016 p. 42). Os determinantes dilacerado e pisoteado marcam a intensidade da violência sofrida pelo corpo da mulher. Ação ocorrida por meio do linchamento, como expresso no grito de "Lincha! Lincha!

Lincha!" (EVARISTO, 2018, p.42). A reintegração do verbo, “linchar”, é uma manifestação de violência coletiva associada a discriminação racial.

Considerações finais

A presente proposta buscou acompanhar os enunciados do discurso presentes no conto *Maria* que acionam “gatilhos” que mobilizam as formações discursivas presentes no interdiscurso (memória discursiva) sobre violência de gênero. No mais, dada a rede de reformulações caminhamos para formações discursivas que comungam de paráfrases justificando o modelo racismo-patriarcalismo-capitalismo. A narrativa trazida apresenta uma reconstrução memorialística que envereda para a superação do sofrimento. As situações narradas apontam para temáticas relacionadas à condição da mulher na contemporaneidade, denunciando as práticas racistas e sexistas que persistem na sociedade brasileira.

A partir da AD compreende-se que o discurso tem memória. Essa dada na “metamorfose” das tensões, das imbricações, separações e reformulações das *formações discursivas* (FD), aberta a resignificação e amparada nos esquecimentos que acompanham o sujeito. Esse aspecto é construído através da relação entre os *pré-construídos* configurados no interdiscurso e na articulação nos enunciados que acarreta a transversalidade do discurso. Assim, o dito manifestado no intradiscurso envolve o *pré-construído* e o encadeamento dos enunciados proporcionando o “efeito de evidência” entendido como o aceite ou não pelos sujeitos do discurso.

A narratividade comungando dos elementos presentes na memória discursiva permite pensar o texto literário a partir das cadeias de enunciados que nele se encontram. Passamos a compreender o literário para além do dito “ficcional”, mas inserido em âmbito no qual o sujeito ao enunciar escolhe um *locus* enunciativo que o insere em dada formação discursiva. As inúmeras formulações do mesmo enunciado no interdiscurso, corrobora para tensionar e girar as “redes” anteriores, tendo em vista a conjuntura que acontece a produção discursiva. Nesse sentido, o enunciado compreende a ocorrência histórica e as práticas discursivas reguladas pelos aparelhos ideológicos.

O texto da Conceição Evaristo tende a buscar pela memória discursiva atrelada ao corpo negro e feminino que ao dispor as sequências enunciativas de Maria desperta

sentidos para a opressão de gênero, mas também de classe social e étnicas. Assim, é chamado a atenção para a problemática das formações discursivas do racismo, do patriarcalismo, da opressão de classe e outras que integram os sistemas discriminatórios que corroboram para as desigualdades que estruturam a relação entre mulheres negras e sociedade. O corpo feminino negro passa a ser entendido em uma regularidade dos discursos que ao reverberarem “aprisionam” e trazem questionamentos para a violência de gênero, mesmo quando a sociedade se “veste” de um discurso igualitário e de empoderamento feminino.

Referências

ACHARD, Pierre et al. *Papel da memória*. Tradução e Introdução de José Horta Nunes. Campinas: Pontes, 1999. p. 59-71.

ALTHUSSER, Louis. *Aparelhos ideológicos de Estado*. 2. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

ALMEIDA, Silvio Luiz de. *Racismo estrutural*. São Paulo: Pólen, 2019.

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo*. Tradução de Sérgio Millet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Tradução de Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

BRASIL, Lei nº. 11.340, de 7 de agosto de 2006, (Lei Maria da Penha). Disponível em: <<https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/496319/000925795.pdf>> Acesso em: 17 nov. 2020.

BUTLER, Judith P. *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade*. Tradução de Renato Aguiar, Rio de Janeiro: 2008.

CARNEIRO, Sueli. *Enegrecer o Feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero*. São Paulo, 1998: p. 3 Disponível em:<<https://www.geledes.org.br/enegrecer-o-feminismo-situacao-da-mulher-negra-na-americalatina-partir-de-uma-perspectiva-de-genero>> Acesso em: 7 de mar. 2019.

COURTINE, J.J. *O Chapéu de Clementis in Indursky - os múltiplos territórios da análise de discurso*. Porto Alegre: Ed. Sagra Luzzato. 1999

COLLINS, Patricia Hill. *Pensamento Feminista Negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento*. Tradução Jamille Pinheiro Dias. 1. ed. São Paulo: Boitempo Editorial, 2019. 495 p.

CUTI. *Literatura negro-brasileira*. São Paulo: Selo Negro Edições, 2010.

DALCASTAGNÈ, Regina. O lugar da fala. In: DALCASTAGNÈ, Regina. *Literatura brasileira contemporânea: um território conquistado*. Vinhedo: Horizonte, 2012, p. 17-48.

DAVIS, Angela. *Mulheres, raça e classe*. 1. ed. Tradução de Candiani, Heci Regina. São Paulo: Boitempo, 2016. 244p

DUARTE, Constância Lima. Gênero e violência na literatura afro-brasileira. In: *Falas do outro: Literatura, gênero e etnicidade*. Belo Horizonte: Nandyala; NEIA, 2010.

EVARISTO, Conceição. *Insubmissas lágrimas de mulheres*. 2. ed. Rio de Janeiro: Malê, 2016.

EVARISTO, Conceição. *Olhos d'água*. Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2016.

EVARISTO, Conceição. *Histórias de leves enganos e parecenças*. Rio de Janeiro: Malê, 2017.

EVARISTO, Conceição. *Gênero e etnia: uma escre(vivência) de dupla face*. In: MOREIRA, Nadilza M. de Barros; SCHNEIDER, Liane. *Mulheres no mundo: etnia, marginalidade, diáspora*. João Pessoa: Ideia/Editora Universitária – UFPB, 2009.

EVARISTO, Conceição. Questão de pele para além da pele. In: RUFFATO, LUIZ. Org. *Questão de pele. Contos sobre preconceito racial*. Língua Geral. Rio de Janeiro. 2009.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970*. 4. ed. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 1998.

FREYRE, Gilberto. *Casa-grande e Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. 43. ed Rio de Janeiro: Record, 2001. 569 p.

GENETTE, Gérard. *Discurso da narrativa*. 3. ed. Lisboa: Vega, 1995.

GOLDBERG, A. Feminismo no Brasil contemporâneo: o percurso intelectual de um ideário político. *Boletim Informativo e bibliográfico de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, n.28,1989.

- GREGOLIN, Maria do Rosario Valencise. *A análise do discurso: conceitos e aplicações*. ALFA: Revista de Linguística, v. 39, 1995 - A análise do discurso Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/107724>>acesso em Acesso em: 09 mar.2019..
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 10. ed. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva; Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- hooks, bell. *Olhares negros e representação*. 1.ed. Tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2019.
- HOLLANDA, Heloísa Buarque de. (org.). *Pensamento feminista hoje: perspectivas Decoloniais*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.
- INDURSKY, F. *A fala dos quartéis e as outras vozes*. 2. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013.
- ISER, Wolfgang. *O Imaginário e o Fictício*. São Paulo: Ed.34, 1999.
- MOREIRA, Núbia Regina. *A Organização Feministas Negras no Brasil*. Vitória da Conquista: UESB, 2011.
- MARIANI, Bethania. *O PCB e a Imprensa: os comunistas no imaginário dos jornais 1922- 1989*, Rio de Janeiro: Revan;Capinas, SP: INICAMP, 1998.
- NASCIMENTO, Abdias do. *O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2016.
- ORLANDI, Eni. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 1999
- ORLANDI, Eni (org.). *Instituição, relatos e lendas: narratividade e individuação dos 159 sujeitos*. Pouso Alegre: Univás; Campinas: RG Editores, 2016.
- ORLANDI, Eni. *Discurso, espaço, memória – caminhos da identidade no Sul de Minas*. Campinas, Editora RG, 2011.
- ORLANDI, Eni. *Eu, tu, ele: discurso e real da história*.2. ed. Campinas, SP: Pontes Editores. 2017.
- ORLANDI, Eni. *Cidades atravessadas: os sentidos públicos no espaço urbano*. Campinas: Pontes, 2001.
- PECHEUX, Michel. Papel da memória. In: ACHARD, Pierre et al. *Papel da Memória*. Tradução e Introdução de José Horta Nunes. Campinas: Pontes, 1999. p. 49-57.

PECHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Tradução de Eni P. Orlandi et al. Campinas: UNICAMP, 1977.

PÊCHEUX, M. *Análise automática do discurso*. Tradução de E. P. Orlandi e G. Costa. Campinas: Pontes, 2019.

PETRI, Verli.. *Imaginário sobre o gaúcho no discurso literário: da representação do mito em Contos Gauchescos, de João Simões Lopes Neto, à desmitificação em Porteira Fechada, de Ciro Martins*. Tese (Doutorado em Letras). Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS: UFRGS, 2004.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad del poder, cultura y conocimiento en América Latina. *In: Anuário Mariateguiano*. Lima: Amatua, v. 9, n. 9, 1997

Ribeiro, Djamila. *Feminismo negro para um novo marco civilizatório*. São Paulo. v.13 n.24 p. 99 - 104 2016. Disponível em: <
<https://sur.conectas.org/wp-content/uploads/2017/02/9-sur-24-pordjamila-ribeiro.pdf> >
Acesso em: 09 mar.2019.

RIBEIRO, Djamila. *O que é lugar de fala?* Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2017.

SAFFIOTI, Heleieth, I, B. *Gênero, patriarcado, violência*. 1. ed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

Recebido em 23/04/2023

Aceito em 20/06/2023